

## APRESENTAÇÃO

Abrimos o ano de 2019 com muitas e variadas publicações que nos animam, em termos de política científica, a insistir na abertura de espaços como este que a Revista Rua proporciona. Neste volume 25, as análises são de múltiplas áreas com lugares teóricos distintos e recortes analíticos bem diversos. Começamos olhando para a rua, para seus sujeitos, no artigo **(Re)existência nas ruas: entre punição e caridade** de Lauro José Siqueira Baldini e Ana Elisa Volpato Ortolano, em que pudemos compreender as disputas de sentidos que envolvem a presença/permanência da população de rua na cidade de Campinas em que a loucura e a pobreza se articulam e se atravessam na produção histórica de mecanismos institucionais de controle dos corpos-sentidos na/da cidade. Continuamos com **O controle da paisagem urbana – “rolêzinho”: jovens que incomodam** de Rafael Lopes de Sousa, Álvaro Cardoso Gomes e Luiz Antonio Dias, no qual o “rolêzinho” e sua trilha sonora – o “funk ostentação” – é tomado por um carácter simbólico ou estratégico como alternativa de cultura e lazer para os jovens periféricos, observando-se o fascínio paradoxal que o funk desperta na classe média. Em **Caminhar e desvelar paisagens** de Arthur Simões Caetano Cabral e Vladimir Bartalini, no batimento entre reflexões teóricas e a presença poética de Guimarães Rosa, somos levados à compreensão da paisagem enquanto presença que se revela pelo caminhar. E que não se revela cabalmente ou por completo e sempre em uma relação entre a paisagem, o caminhar e a revelação poética. Dentro ainda da materialidade da literatura, Ana Paula Franco Nobile Brandileone e Caroline Helena dos Santos, em **A representação da realidade periférica em Letras de Liberdade: “Lembranças ao Vento”, de Márcio Marcelo do Nascimento Sena**, trazem o carácter realista de boa parte da narrativa brasileira não apenas como da ordem da representação estética, mas também da intervenção ética e política no mundo real, principalmente quando se trata da realidade periférica, analisando o conto *Lembranças ao Vento* de Sena. Mantendo-nos ainda no espaço literário, vamos a José Roberto Araújo de Godoy que nos mostra, em seu **A construção de espaços provisórios na literatura latino-americana**, como determinados territórios e suas peculiaridades espaciais se refletem em narrativas ficcionais, sobretudo o carácter provisório dessas espacialidades, recortando em suas análises gestos dos escritores César Aira e Milton Hatoum. Também na discursividade literária, João Batista Costa Gonçalves e Marcos Roberto dos Santos Amaral trabalham, em **A escrita subversiva de “n. d. a.”: um corpo desgarrado e grotesco** questões da ordem da autoria e do grotesco indicando um descentramento de práticas de produção discursiva em que a deriva e a instabilidade referencial se instalam. **De luz em luz, a poesia é desenhada**, de Lucília Maria Abrahão e Sousa, Elaine Pereira Daróz e Dantielli Assumpção Garcia, igualmente cuidando de analisar o funcionamento literário, agora da poesia, reflete sobre a poesia da rua que se inscreve em uma exposição do Museu da Língua Portuguesa e deriva na equivocidade e no inatingível, no impossível dela. Em **Vestígios do silêncio**, Iago Moura Melo dos Santos e Maurício Beck fazem, como dizem, um teatro textual teórico em que o ensaio é refletir sobre o silêncio em três atos, tomando o silêncio como a terceira margem do Rio *Lethe* (Ideologia), em relação à base material da língua (primeira margem), em que se dão os processos discursivos (segunda margem). Meire Oliveira Silva, em seu

**Desenvolvimentismo, plano-piloto e segregação: uma análise de *Brasília, contradições de uma cidade nova*, de Joaquim Pedro de Andrade**, explora as contradições do gesto fílmico patrocinado que expõe as fissuras da desigualdade presentes na capital federal, cujo plano inicial buscava dissipar qualquer desnível social, alçando o Brasil aos patamares progressistas da década de 1960. Mas a cidade material irrompe na representação, abrindo fissuras incontroláveis interditando o filme de sua exibição. Em **Três experimentos escolares e 2013: um primeiro contato, um erro e uma assessoria**, de Frederico Canuto, são estabelecidas aproximações com o acontecimento junho de 2013 e um estudo de caso de assessoramento técnico urbanístico, envolvendo alunos de graduação e a população local, que têm como recorte a relação do território com as águas urbanas e a bacia hidrográfica. Já em **Casa da Mãe Santana: A construção de um lugar por meio de um jogo colaborativo**, de Adriana Sansão Fontes, Joy Till e Gabrielle Rocha, conhecemos uma ação interdisciplinar de extensão, voltada à ativação de um espaço público subutilizado por meio de um jogo colaborativo, no Campo de Santana, parque de importância histórica e cultural para a cidade que se encontra pouco apropriado pela população. Também observando artefatos refletidos, o artigo **Som Tridimensional para Deficientes Visuais: Interação na Arte e no Videogame**, de Adriane Cristine Kirst Andere de Mello, Milton Luiz Horn Vieira e Victor Nassar, procura, a partir da tridimensionalidade sonora e de seus princípios históricos nas vanguardas artísticas, bem como alguns de seus desdobramentos na arte contemporânea, fazer discussões teóricas que embasam a construção de um dispositivo sonoro que facilite na localização e locomoção de deficientes visuais. Ainda olhando para artefatos, Magaly Prado e Adrian Alexandri, em **Um site como ferramenta de identificação de uma agenda pública em uma pequena cidade**, apresentam o desafio em criar uma plataforma digital jornalística que engaje os moradores de modo a serem co-autores na construção de uma agenda pública de prioridades a serem debatidas e resolvidas. Olhando também para o jornalismo, temos **Infância e violência: uma leitura dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo** de Angela Maria Farah, em que se analisa a cobertura dada à temática da infância abandonada e ao tratamento semântico dado a essa infância, na perspectiva de Cremilda Medina, historiadores da infância, entre outros estudiosos. Mirando agora o discurso jurídico, Sheilla Maria Resende, em seu **“PL do agrotóxico”: discurso, memória, silêncio e resistência** faz uma discussão sobre defesas e comentários a respeito do Projeto de Lei n. 6.299/2002, conhecido como o PL do agrotóxico, mostrando que o agronegócio fala “por si”, enquanto a agricultura familiar é “falada sobre”, havendo, contudo, resistência do pequeno agricultor no silêncio na/da relação homem-terra. Nessa relação homem-terra, vemos, em **A Emergência das Heterogeneidades Enunciativas no Discurso Indigenista Oficial Brasileiro**, de Sheila da Costa Mota Bispo e Vânia Maria Lescano Guerra, a problematização de emergências de heterogeneidade(s) enunciativa(s) no *Documento Base* da 1ª Conferência Nacional de Política Indigenista. Também trabalhando com a relação homem-terra, mas na deriva, o artigo **O indígena e a cidade: panorama das aldeias urbanas de Campo Grande/MS** de Aleida Fontoura Batistoti e Karina Trevisan Latosinski, aborda a presença indígena, majoritariamente da etnia Terena, na área urbana de Campo Grande/MS, suas condições

de vida, as habitações e a presença do indígena no espaço urbano, salientando que a migração dos indígenas se dá principalmente pela busca de qualidade de vida e oportunidades, além da efetivação e criação de políticas públicas que os contemple, já que o cenário atual é de precariedade e exclusão físico-social, dissonante com a cultura desse povo. Ainda na resistência e na cidade, **Marcas da resistência nos muros da Universidade: pichações e seus efeitos**, de Érica Daniela de Araújo, analisa o funcionamento discursivo em duas pichações inscritas nos muros da Universidade Federal de Uberlândia, tomadas como escrituras da luta pelo pertencimento em uma sociedade de segregações e de exclusões, se marcam como formas de resistência ao já significado pelo discurso urbano. Este volume 25 conta ainda com a **resenha** de Maurício Silva do livro **De baixo para cima**, de Eliane Costa e Gabriela Agustini, as notícias do primeiro semestre de 2019 do Laboratório de Estudos Urbanos e a **seção Artes** com a série Lago, de Amanda M. P. Leite.

Boa leitura!



**Para citar essa obra:**

RUA. Apresentação. In: **RUA** [online]. Volume 25, número 1 – p. 5 -7 – e-ISSN 2179-9911 – junho/2019. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

**Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB**  
**Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI**  
**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

**Endereço:**

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COCEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

**CEP** 13083-892

**Fone/ Fax:** (19) 3521-7900

**Contato:** <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>